

Pandemia e História Social: a importância da reflexão histórica para construção de um projeto de futuro

Entrevista com a historiadora Wlamyra Albuquerque¹

A historiadora Wlamyra Albuquerque é professora da UFBA e autora do livro *O Jogo da dissimulação*, em que aborda questões raciais nos anos finais da escravidão no Brasil oitocentista. Em 2010, o seu livro em co-autoria com Walter Fraga Filho, *Uma história da cultura afro-brasileira*, recebeu o Prêmio Jabuti, na categoria didático e paradidático. Em 2013, o livro *O que há de África em nós*, também em co-autoria com Walter Fraga, foi finalista da categoria paradidático do prêmio Jabuti. Foi Co-editora da Revista Afro-Ásia entre 2013 e 2018. É membro da Academia Baiana de Ciências e pesquisadora Produtividade CNPq.

No ano de 2020, a pandemia do Covid colocou desafios inéditos no âmbito social e sanitário. Nesse contexto, desigualdades raciais e sociais se acirram e a parte mais vulnerável da população fica mais exposta às consequências da Pandemia. No Brasil, um país de tamanho continental e marcado por desigualdades socioeconômicas e raciais, as consequências tendem a ser desastrosas. Na atual entrevista, a historiadora compartilha algumas reflexões sobre como a história social, a ciência e o conhecimento científico podem ajudar na superação da crise que estamos vivendo. Além da pandemia, o projeto atual de governo tende a desvalorizar o conhecimento científico, as ciências humanas em especial, reduzir a importância e autonomia das universidades federais e disponibilizar menos recursos para manutenção de estudantes de baixa renda no ensino superior. Assim, presente e futuro colocam desafios para aqueles comprometidos com um projeto político mais inclusivo, com valorização da educação de qualidade e pesquisa científica.

No ano de 2018, com a vitória eleitoral do atual presidente, subiu ao planalto um projeto autoritário com viés neoliberal, que representa grande retrocesso político e social. No quesito

¹ Entrevista concedida em 17 de abril de 2020, por telefone em chamada de áudio, a Valney Mascarenhas.

econômico aumentaram as privatizações, redução dos direitos trabalhistas e precarização dos direitos previdenciários. Enquanto no âmbito social o presidente tem amplo lastro em setores milicianos, apoia grileiros e garimpeiros ilegais, participa de manifestações populares antidemocráticas favoráveis ao fechamento do congresso e STF. Foi nesse momento político que, em 2020, chegou a atual pandemia com dramáticos desdobramentos na política e na saúde pública. Essa entrevista foi concedida no dia 17 de abril, quando o Brasil somava 2.171 mortes, e o então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta teve sua demissão anunciada, por conta de posições divergentes sobre a necessidade do isolamento social no combate ao avanço do vírus. Na concepção do presidente o isolamento não seria necessário, mas sim prejudicial ao andamento econômico do país, Mandetta foi um defensor do isolamento e de outras medidas técnicas para conter o vírus. No dia 28 de maio, pouco mais de um mês depois, o Brasil já tinha registrado 25.935 mortes, enquanto o governo federal seguia errático e negacionista na tentativa de minimizar os efeitos da pandemia no cenário nacional.

Apesar desse cenário, ao longo do começo dos anos 2000, os movimentos sociais conquistaram pautas históricas, como a implementação das cotas raciais no ensino superior. A expansão e inclusão no ensino superior tornou possível o ingresso de setores antes excluídos da educação formal. No atual contexto, com altas taxas de desemprego, redução dos incentivos e auxílios governamentais na permanência estudantil, as dificuldades são maiores, principalmente, no ingresso de estudantes pobres. Assim, como fica o legado das conquistas e como podemos retomar melhores horizontes de transformações positivas? Não existe uma resposta unívoca, contudo, torna necessária a reflexão. As perguntas para essa entrevista, inicialmente, foram elaboradas no começo do ano de 2020, antes da pandemia. Com o avanço do vírus Covid e suas consequências incontornáveis no mundo, as perguntas acabaram sendo reformuladas. Assim, essa entrevista também se insere no contexto de incertezas e apreensões que cercam uma pandemia mundial.

Wlamyra Albuquerque em suas pesquisas aborda o período da abolição e pós abolição e demonstra como em processos de ruptura podem surgir novos projetos, ambições e sonhos sobre um futuro. Além disso, diante a pandemia enfrentamos sentimentos apocalípticos, muitas vezes, sem vislumbrar um futuro possível. O conhecimento histórico deve orientar nossos projetos de futuro, pois são as pessoas e suas escolhas que traçam o futuro possível a partir do presente e suas possibilidades. Nesse sentido, essa entrevista busca explorar as possibilidades de atuação a partir do campo da pesquisa histórica, assim como entender as contribuições e desafios enfrentados por cientistas sociais no contexto atual.

Revista de História: No cenário atual, a Pandemia do Covid, iniciada no final do ano de 2019, expôs contradições históricas do capitalismo, em que muitos países não conseguiram garantir o funcionamento do sistema público de saúde. Como, enquanto historiadora, você está percebendo esse processo?

Wlamyra Albuquerque: Eu acho que a pandemia, como todas as grandes catástrofes, acaba deixando

a pele crua, as desigualdades e crueldades do capitalismo ficam desnudas, não tem perfumaria nem delicadeza. Essa situação pode ser observada no Equador em que corpos estavam sendo retirados das casas e nos Estados Unidos que teve uma média de 4.000 mortes em apenas 24h. Essa realidade está se aproximando de nós brasileiros, principalmente, em relação as populações periféricas. Embora o vírus não escolha classe social, sabemos quem está mais vulnerável e a mercê da sorte, que são os habitantes periféricos e de grandes favelas. Essa situação precariza e piora ainda mais essa população. Não à toa, nos EUA, apesar de o vírus atingir brancos e negros o número de mortes é maior entre a população negra. Realidade que pode ser observada também no Brasil. Por isso, acredito que a pandemia desnude ainda mais o tamanho das desigualdades no capitalismo. Não existe liberalismo que esconda essa crise.

Revista de História: Como aponta os índices econômicos as desigualdades cresceram nos últimos anos e existe um prognóstico de piora após a pandemia...

Wlamyra Albuquerque: O que me preocupa, além da pandemia e do impacto nas comunidades negras, é o quanto isso acaba redesenhando o capitalismo no mundo. Existem várias análises feitas por epidemiologistas sobre como será nossa forma de vida de agora para frente, certamente, não sou a melhor gabaritada nesse quesito. Contudo, tudo indica que o mundo que tínhamos não voltará, não retornaremos a vida como era antes da pandemia. Nesse sentido, preocupa as possibilidades de sofisticação do capitalismo, que pode agravar as desigualdades e estabelecer outras formas de exclusão tendo como alvo a mesma conformação social.

Já se fala hoje em controle do trânsito das pessoas através de celulares. Todas as tecnologias de controle agora serão colocadas em primeiro plano, com a justificativa de salvaguardar a saúde pública. Eu penso de que maneira isso pode estabelecer outras formas de hierarquias sócio raciais no Brasil.

Revista de História: A pandemia encontrou no Brasil uma política interna conturbada, com um projeto de Brasil mais excludente, com ataques diretos à ciência, em especial, as universidades públicas, capitaneado pelo presidente eleito. Como, nesse momento, você acha possível a defesa da ciência e do nosso campo científico?

Wlamyra Albuquerque: Com certeza, vivemos talvez o pior momento da história republicana. Estamos em um desgoverno em que o presidente tem posturas marcadas pela idolatria e psicopatia, em que o bem comum não existe nem no discurso e, muito menos, como um horizonte. Essa pequenez política e administrativa que estamos vivendo hoje, com certeza, nos fragiliza diante da pandemia e seu enfrentamento. Nós precisávamos de uma liderança realmente atenta as formas de segregação e que o Brasil é um país enorme e continental com desigualdades regionais absurdas. Por outro lado, acredito que vivemos um momento político que existe um certo vazio. Muitas pessoas se colocam

criticamente em relação ao rumo, ou falta de rumo, da atual gestão do país, contudo, com ausência de um projeto político alterativo para o que estamos vivendo. Temos a crítica, mas não a proposta.

Além disso, as ciências humanas, e nós historiadores, temos ainda outra frente de batalha na reafirmação do nosso papel no entendimento desse processo. Todas as lutas que percebemos hoje, para reafirmar a importância da ciência no encaminhamento da humanidade, os desafios são ainda maiores quando se trata das ciências humanas. Principalmente, em mostrar a importância dos historiadores em meio ao caos de uma pandemia que vivemos. Somos fundamentais, por exemplo, em entender quais foram as outras experiências similares na história da humanidade e quais foram as outras formas criadas na superação de catástrofes como essa. Além disso, devemos possibilitar enxergar de maneira conectada e ampliada as várias situações que estamos vivendo hoje.

As análises dos epidemiologistas, biólogos e áreas ligadas às ciências naturais e também das ciências humanas, sobre os processos que temos vivido no âmbito do capitalismo, nas divisões políticas e reorganização do mundo após a segunda guerra mundial também nos conta sobre o cenário vivido agora na pandemia. Sem história não podemos entender, por exemplo, porque os Estados Unidos hoje, maior potência mundial, é o país com maior número de vítimas. Enquanto a China está conseguindo sair melhor da pandemia, contornando a crise e se reorganizando economicamente. Ou seja, para entender o mapa da pandemia é necessário entender a história que levou a constituição de cada nação e seus contextos políticos.

Então, temos esse campo de batalha de reafirmar a importância da ciência e a importância das ciências humanas no campo da ciência e, enquanto historiador, reafirmar o papel da história nas ciências humanas. Nesse sentido, temos um trabalho grande por fazer.

Revista de História: Ao longo do começo do século XXI, algumas das pautas reivindicadas por movimentos sociais foram conquistadas, a adoção das cotas raciais nas universidades públicas foi uma delas. Nesse momento de retrocesso, em que todas as conquistas são colocadas em risco, com ampla taxa de desemprego e cortes nos auxílios de permanência universitária, como você enxerga a importância do legado das cotas e do processo de inclusão?

Wlamyra Albuquerque: Eu estava notando uma coisa poderosa esses dias. Conversando com várias pessoas sobre o porquê de grandes setores da população, não só populações periféricas, mas também a classe média e até classe média alta, entrarem em processo de negação da pandemia. Eu fui várias vezes na periferia e as pessoas estavam agindo como se nada estivesse acontecendo. E quando perguntei por que não estavam com medo, às vezes as respostas eram: “ah, nós já sabemos da morte, todo mundo vai morrer”. E fiquei pensando o porquê dessa negação. Por outro lado, quando conversamos com pessoas que moram na periferia e tiveram acesso à universidade, no geral, encontramos alguém que se dá conta do quão grave é o momento que estamos passando e o quanto isso pode se agravar. Eu fico pensando que existe um exercício de abstração científica que a universidade permite. A gente

aprende, em qualquer área científica, a lidar com objetos que não são visíveis, não são táteis, mas existem. Então essa imersão em um campo de abstração, daquilo que existe, mas não é visível ao olho nu, possibilita melhor entendimento sobre o que é uma pandemia. Então, acho que o conhecimento que a universidade oferece, mais do que o conhecimento específico de cada área, é essa capacidade de abstração. Ou seja, a possibilidade de conhecer algo que não está ao alcance do tato.

Nesse sentido, fica muito evidente para mim a angústia de meus familiares e alunos que moram em bairros populares diante da negação e banalização da pandemia. Assim, esse entendimento muitas vezes é possível justamente porque essas pessoas tiveram acesso à universidade. Essa noção de perceber o homem no mundo e suas implicações diante de uma doença tão devastadora só a ciência oferece. Acredito que seja possível ter acesso a esse tipo de informação no ensino médio, não necessariamente na universidade, contudo, como nosso ensino público é muito precário, muitos alunos da periferia só conseguem tal compreensão na universidade.

Assim, a universidade agora tem um papel fundamental, mas não podemos imaginar que por conta da exigência de vacinas e conhecimento científico automaticamente a sociedade brasileira vai reconhecer o papel da ciência. Eu não acho que esse movimento seja consequência natural, ainda temos que trabalhar muito para sociedade reconhecer nossa importância.

Revista de História: Outra questão relevante é o diálogo entre sociedade e universidade. Muito do conhecimento produzido não consegue ultrapassar os muros universitários. A história social, através de uma linguagem mais acessível, muitas vezes, busca alcançar também o leitor comum. Como você, nesse momento de crise, percebe essa necessidade de extrapolar os muros da universidade?

Wlamyra Albuquerque: Eu acho que agora é uma questão de sobrevivência. Não só sobrevivência acadêmica, mas sobrevivência física mesmo. A gente tem que botar a cara na rua para sobreviver a tudo isso, tanto como campo de saber, quanto a universidade como espaço de formação. Nesse sentido, acho que a história tem muita coisa para colaborar. Evidente que o campo da história social, principalmente, aquele que está ligado a saúde e doença vai ser central, mas acho que a história como um todo tem um papel fundamental para trazer esperança para as pessoas. Mostrar como em outras situações que pareciam apocalíptica, finais de era, as populações enfrentaram essas situações e construíram mundos a partir das possibilidades e expectativas que tinham. Então, nós, historiadores, somos fundamentais nesse momento para dizer que o projeto de mundo que surgirá depois disso depende do que está sendo construído agora. E isso depende da ação humana e não de uma consequência natural do curso do tempo, isso não é história. História é o que os homens fazem com esse tempo e com os acontecimentos que lhe são dados.

Então, se a gente conseguisse deixar claro esse sentido da história, de como a humanidade diante de vários momentos, que pareciam o ponto final da aventura humana, as pessoas fizeram escolhas. E foram a partir dessas escolhas que o mundo mudou. Deste modo, é perceber que não

estamos a mercê do vírus, mas está relacionado com o modo de como pensamos um outro mundo. Isso leva a uma mobilização social que não está dada onde e nem como, mas que tem um caminho a ser construído. Não adianta ficar parado imaginando que o futuro já está dado, porque ele não está. Esse é nosso trabalho, o historiador deve contar como os homens agem diante de seus dilemas e conflitos. Agora, devemos mostrar que é possível construir sonhos.

Revista de História: Todo esse contexto coloca na ordem do dia um posicionamento diante a realidade, para além das discussões acadêmicas em reuniões de pesquisa. Como os estudos de abolição e pós-abolição se inserem dentro das demandas atuais e como contribui no entendimento do presente?

Wlamyra Albuquerque: Veja, ficamos pensando o que as pessoas fizeram diante da abolição, que foi um acontecimento em outra escala, mas foi um corte fundamental no modo como as pessoas viviam até então. O país nunca tinha vivido a possibilidade de não ter escravidão. Naquele momento, quando observamos as pessoas diante daquele fato – uma mudança que foi construída pela ação delas – estão todas sonhando e quando sonham fazem projetos e alianças, agem, tomam decisões, caminham e promovem conflitos. Isso porque elas têm algo em vista e têm pelo que lutar. Então, acho que essa percepção é mais importante que os pormenores que aconteceram no pós-abolição. Os pormenores e detalhes é algo próprio do deleite do historiador, próprio do *metiê*, aquilo que discutimos a cada quinze dias nos encontros da linha de pesquisa.² Mas existe um lado para além de nós, que deve ser dito para fora e alcançar a sociedade como um todo, que é mostrar que quando as pessoas se organizam diante de mudanças radicais e começam a projetar o que vêm depois elas já estão em processo de mudança. Estão em um movimento de construção de outro mundo, um mundo pós. Pós-abolição, pós-Covid, sempre existe um mundo a ser construído. Então, acho fundamental esse saber, que vai aparecendo em toda pesquisa, e não só na minha, de compreender onde as pessoas começaram a desejar e investir em outro mundo possível.

Revista de História: Com as redes sociais e os diferentes meios de registros, a história do tempo presente possibilita uma diversidade ampla de fontes. Contudo, muitas dessas fontes estão na posse de empresas privadas, como a Google, Instagram e Twitter. Como percebe a construção da história a partir desses registros mais atuais?

Wlamyra Albuquerque: Todos os historiadores têm seus desafios de repensar as fontes, é uma tarefa que se renova a cada geração. As concepções mudam e cabe a quem está chegando lidar e pensar sobre essa questão. Não acho que seja mais fácil, ou mais difícil, bom ou ruim. Vai ser diferente. Existem multiplicidades de registros que, apesar de estar na guarda de entidades particulares, ajudam

2 Linha de Pesquisa Escravidão e Invenção da Liberdade, Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal da Bahia. Os encontros entre os membros do grupo são quinzenais.

os profissionais a pensar de modos e lugares diferentes. Da mesma forma que eu consegui ver alguém no alto de um prédio em uma cidade no Equador chorando por ver urubus se aproximando dos corpos que estavam na rua por falta de lugar para enterrar, isso me permite uma sensibilidade que não teria olhando para outra fonte. Então, acho que não é um problema exatamente, mas sim um desafio. Acho que um desafio bom para quem chega, para os novos historiadores, que devem refletir sobre como lidar com essas novas fontes que estão surgindo.